EPOPÉIA

Cr$ 5,00

N.º 2 ★ SETEMBRO 1952

TEIXEIRA FILHO

O MAGO DA VINCI - Em Quadrinhos!

EPOPÉIA (Revista Mensal). — Propriedade da Editôra Brasil-America Limitada. Especializada em Publicações para Rapazes, Moças e Crianças. — Direção de Adolfo Aizen. — Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. — Telefone 48-6391. — Rio de Janeiro (D. F.), Brasil.

Conversa do Diretor

ESCREVEMOS em pleno dia do lançamento de EPOPÉIA — seu primeiro número. Não sabemos, ainda, se o leitor gostou ou não gostou, se o leitor se tornou um *fã* incondicional desta revista — ou não. Todavia, verdade seja dita, para que o leitor tomasse conhecimento da existência de uma revista nova e ímpar, diferente das demais, lançamos mão dos meios mais originais. Duzentos mil prospetos, òtimamente impressos a côres, com miniaturas das capas e das primeiras páginas das histórias de EPOPÉIA, foram distribuídos de mão em mão, nas filas de ônibus e dos "lotações". Quase quinhentas mil revistas da *Brasil-América*, oferecidas pela EPOPÉIA, foram distribuídas, também gratuitamente, por tôdas as padarias da cidade do Rio de Janeiro, de freguês em freguês, pelos carrinhos, junto ao pão nosso de cada dia. E outras vinte mil aos clientes dos "lotações" da zona Tijuca-Leblon. A Sorveteria Americana, da Cinelândia, e as duas Lojas Americanas, de Ouvidor e Gonçalves Dias, e mais todos os bares, confeitarias e botequins da cidade do Rio e São Paulo e alguns dos Estados, todos colaboraram na distribuição de quinhentos mil guardanapos de papel aos seus fregueses, com os desejos de "Bom Apetite" de EPOPÉIA.

Gonfalões de sêda, com o dístico desta revista, embandeiraram as bancas dos jornaleiros do Rio, dando um tom álacre e épico ao lançamento de uma nova publicação; e mais de mil bandeirolas de papel seguiram para os vários agentes, além de 10.000 cartazes da capa de "Roberto, o Disforme", que foram afixados pelas paredes.

As revistas da nossa própria Editôra, com a tiragem de quase dois milhões de exemplares, lançaram a mais *sui-generis* propaganda já idealizada, tanto com aquêles dísticos, nas margens do papel, como com as miniaturas coloridas. Anúncios nos jornais diários também foram publicados, e os envelopes da Editôra, num total de expedição de quase mil, diários, pelo correio, tiveram a EPOPÉIA propagandeada no seu verso.

Houve um caminhão, também, que trafegou pela cidade, com painéis de três metros de altura, reproduzindo as primeiras páginas das principais histórias de EPOPÉIA. E se mais não fizemos, é que mais não nos era possível, em meio a tantos outros afazeres.

Assim, dêste modo, o homem da rua, que é o nosso leitor, tomou conhecimento de que surgia uma nova revista em quadrinhos — mas uma revista em quadrinhos "com histórias como você ainda não imaginou!".

Gostaram? Não gostaram? Só no próximo número é que poderemos aquilatar do bom gôsto do leitor, quando esperamos publicar as primeiras cartas recebidas. Até lá!

EPOPÉIA!

Roteiro para o Leitor

O MAGO DA VINCI

Leonardo Da Vinci, um dos maiores Mestres do Renascimento, nasceu em Vinci, nas montanhas da Toscana, próximo em Empoli. Era filho natural de Ser Piero De Antonio, um rico notário de Florença, e uma camponesa chamada Catarina.

Pintor de renome, Leonardo Da Vinci foi também escultor, arquiteto, engenheiro e cientista, fazendo-se notar como o precursor de inumeráveis inventos que grande influência vieram a ter no progresso da Humanidade.

Da Vinci teve aprimorada educação em Florença, então um verdadeiro centro intelectual e artístico, ao mesmo tempo que cidade de intensa vida social — circunstâncias que mais ainda fizeram ressaltar a natural simpatia do jovem, descrito por seus biógrafos como homem de belos traços fisionômicos, de porte altivo e agradável conversação. Na sua ânsia de aprender sempre, e cada vez mais, Leonardo Da Vinci, antes de se dedicar à pintura, estudou mecânica e ciências naturais.

Discipulo de Andréa del Verrocchio, do qual mais tarde se torna assistente, Leonardo Da Vinci começa em 1478 suas atividades como Mestre, e sua primeira obra-prima — "A Adoração dos Magos' — data mais ou menos dessa época. Em 1482 visita Milão, sob o govêrno de Ludovico, o Mouro, Duque de Milão. Leonardo muito trabalha durante o tempo em que aí permanece, sendo o principal engenheiro militar do Duque. Sob sua orientação, é construído o Canal Martesana; como arquiteto, trabalha nas obras da Catedral de Milão e desenha os projetos de muitos outros grandes edifícios. Ainda assim lhe sobram ensejos para prosseguir nos estudos de anatomia, com Marco della Torre, e de matemáticas, com Luca Pacioli. Seus discípulos são numerosos, e a obra em que Leonardo Da Vinci está mais interessado é o colossal bronze que constituiria um monumento em honra de Francesco Sforza, o pai do Duque Ludovico, o Mouro; mas o Mestre deixa a obra inacabada.

Outras obras de Da Vinci: "A Última Ceia", afrêsco, no refeitório do convento de "Santa Maria delle Grazie", Milão (pintado de 1434 a 1497); "Mona Lisa", retrato da espôsa do florentino Francesco del Giocondo, nome que fêz com que o quadro passasse a ser conhecido também como "La Gioconda"; "A Virgem de Grotto", painel executado para a "Confraternitá della Concezione" (de 1482 a 1490).

Leonardo Da Vinci, em suma, foi o mais versátil gênio daquela época de gênios: fêz observações e realizou estudos sôbre meteorologia e aeronáutica; constatou o movimento anual da Terra em tôrno do Sol, a influência da Lua nas marés, descobriu a natureza de certos fósseis de mariscos, observou alguns dos fenômenos da circulação do sangue e a ação do globo ocular nas funções visuais.

Muitas das invenções e muitas das descobertas de Da Vinci teriam revolucionado as Ciências dos dias em que viveu, se tivessem sido divulgadas. Mas o segrêdo a respeito permaneceu intato durante muito tempo, devido ao fato de Leonardo Da Vinci ter o costume de escrever seus documentos com a mão esquerda, às avessas, começando as palavras da direita para a esquerda. Muito mais tarde, porém, é que se pôde decifrar seus manuscritos.

★

A LENDA DE SIR PERCIVAL

A Lenda de Sir Percival tem origem nos remotos séculos V e VI, quando tribos germânicas, invadindo a Bretanha, rechaçaram os celtas para o País de Galles, a Cornualha e, também, para a Bretanha Francesa. Naquele tempo, existiu, de fato, um rei Arthur que, vencedor a princípio, morreu depois em combate pela independência bretã. A imaginação popular, exaltada pela recordação dos seus feitos heróicos, transformou-o em personagem lendário, guerreiro invencível e imortal. Depois de expulsar os saxões da Inglaterra, Arthur teria levado as suas armas até Roma. Voltando, a fim de sufocar um levante, é ferido e levado pelas fadas para Avalon, de onde parte, mais uma vez, para liberar os bretões. Na sua cidade de Caerléon, Arthur funda a Ordem da Távola Redonda (isto é, Ordem da Mesa Redonda), mesa na qual não há lugares "altos" nem "baixos", onde todos os cavaleiros, numa igualdade perfeita, são servidos ao mesmo tempo e da mesma maneira. E' da côrte do rei Arthur que partem os cavaleiros Percival, Lancelot do Lago e outros em busca do "Graal", a urna misteriosa na qual José de Arimatéa conservou o Cálice de Jesus Cristo. Ainda segundo a lenda, só um cavaleiro puro e isento de todo pecado pode alcançar o "Graal" — cuja descoberta pressagiaria a liberação da Grã-Bretanha.

Essas lendas foram primeiro espalhadas pelos bardos que as cantavam em "Lais", (composições narrativas em versos de oito sílabas), acompanhados de pequenas harpas. Mais tarde, os "Lais" foram traduzidos do celta para o francês. Entre 1160 e 1180, Chrétien de Troyes escreveu cinco obras sôbre as lendas do Rei Arthur, de Percival e do Santo Graal. Introduzidas em França, na Espanha, na Itália e na Alemanha, essas lendas, já então influenciadas pelo colorido local, tomaram aspectos diversos e serviram de inspiração a poetas e músicos. O trovador alemão, Wolfram von Eschenbach, que viveu entre 1170 e 1220, escreveu um poema épico intitulado "Parcival", do qual Richard Wagner extraiu o assunto para o texto de "Parsifal", a sua magistral ópera.

O Mago Da Vinci

★

DESENHOS DE GIANNI DE LUCA

★

A história de Leonardo Da Vinci — interessante e movimentada — exprime perfeitamente o dinamismo de um gênio extraordinário, figura máxima de uma época agitada, quando as luzes do Renascimento começavam a descortinar mais amplos e mais belos horizontes para a Humanidade...

Estamos em Florença, no ano de 1482. É tarde da noite, e as portas da cidade já foram fechadas. De repente, no entanto, um grupo de cavaleiros se aproxima da porta de San Gallo, e um dêles grita...

QUEREMOS PASSAR, Ó GUARDIÃO!

GENTE ESTOUVADA, ESSA! A HORA É DE DORMIR, NÃO DE VIAJAR!

TOMA LÁ UM FLORIM MAS... DESPACHA-TE!

Um dos cavaleiros, ao qual os demais chamam Dolfo, ordena a partida, e o grupo se afasta, a galope.

DEUS GUARDE SEMPRE VOSSAS MERCÊS!

Distante da cidade, Dolfo acéna aos companheiros para que detenham as montarias.

PARECEU-ME OUVIR O ASSOVIO COMBINADO! AVANTE! AGUARDAM-NOS, ALÉM DO MOINHO!

Os cavalos são todos deixados em tôrno de uma árvore.

JÁ ESTÃO TODOS AQUI?

TODOS! PODEMOS IR?

Munidos de pás e de enxadas, os misteriosos personagens vão até junto ao barranco de um rio...

É AQUI! MÃOS À OBRA, AMIGOS, ANTES QUE ALVOREÇA!

...e se põem a cavar, não tardando em desenterrar alguma coisa a que parecem dar muita importância...

AÍ ESTÁ! ATENÇÃO! ESCAVAI DOS LADOS!

De repente, porém, ouvem-se gritos, ao longe, e Dolfo dá uma ordem...

FOMOS VISTOS! LEVEMO-LA PARA O MOINHO!

Pouco depois, o moinho que serve de abrigo aos homens chefiados por Dolfo é atacado pela multidão enfurecida!

FEITICEIROS! VIOLADORES DE TÚMULOS! SACRÍLEGOS!

Mas, um jovem, André Saladino, interroga um dos atacantes...

QUEM É AQUÊLE?

LEONARDO DA VINCI! O FEITICEIRO!

André Saladino, que é amigo de Leonardo Da Vinci, corre a salvar o Mestre...

DEPRESSA, MESTRE, ESCONDEI-VOS! SUPÕEM QUE SOIS UM FEITICEIRO!

E, dentro do moinho, esconde o Mestre em um armário.

E, chegando à janela, André Saladino informa que os "feiticeiros" haviam fugido.

NÃO HÁ NINGUÉM AQUI! FUGIRAM PELAS MARGENS DO RIO! SEGUI-OS!

...e, em seguida, entram por uma porta secreta, que leva a uma passagem subterrânea.

VÊDE! ALGO SE MOVE! REFUGIARAM-SE NO PORÃO!

Enquanto isso, os comandados de Dolfo ocultam a estátua que haviam descoberto...

IGNORANTES! CRÊEM REALMENTE QUE SEJAM CADÁVERES AS ESTÁTUAS ANTIGAS! VAMO-NOS!

Dada volta à sua mola secreta, abre-se uma portinhola, dando acesso a uma passagem subterrânea.

FICAI TRANQÜILOS! NINGUÉM NOS ALCANÇARÁ!

Nem bem a porta se fechara por trás dos fugitivos, e já os seus perseguidores irrompem no porão, e...

EIS O CADÁVER!

...constatando que o que supunham um cadáver nada mais era que uma estátua, mais se enfurecem, e a quebram!

DIABOS! TRATA-SE APENAS DE UMA ESTÁTUA!

Depois, tudo fica em silêncio no moinho. André Saladino assoma à janela. A estrada está deserta... Ao longe, junto à torrente, brilham os archotes dos perseguidores, que se afastam.

Voltando ao armário, abre-o.

VINDE, Ó "MESSER" LEONARDO! PODEIS CONFIAR EM MIM!

Juntos, se dirigem à clareira onde ficaram os cavalos. O Mestre monta em um dêles e, guiado por seu jovem salvador, galopa rumo a Florença.

Ao amanhecer, estão às portas da cidade de Florença. O Mestre parece satisfeito... Súbito, um falcão, que passa voando, atraí-lhe o olhar... Tirando da bôlsa um caderno de apontamentos, e segurando com a mão esquerda um pedaço de carvão, traça o Mestre alguns sinais...

MESTRE, PODERÍEIS ACEITAR-ME COMO DISCÍPULO?

SIM. VEM COMIGO!

A chegada do novo discípulo enche de júbilo Zoroastro, o mecânico, mas, ao contrário, excita a ira de Cesare Da Celso, que trama prejudicar o Mestre...

AH! UM DIA O ENTREGAREI ÀS MÃOS DE SEUS INIMIGOS!

O HOMEM VOARÁ DA MESMA FORMA QUE OS PÁSSAROS!

LEONARDO É UM GÊNIO! MAS POR QUE PRETENDEM SUPRIMI-LO, OS SEUS INIMIGOS?

Zoroastro, exaltando o Mestre, descreve a Saladino a nova máquina de vôo humano que Leonardo está construindo, e não repara que...

...Cesare Da Celso se esgueira, às pressas, pela porta a fora, dirigindo-se, com a alma torturada pela inveja, à "Taverna das Duas Janelas", onde vai se encontrar com um espião mandado pelos venezianos.

ENFIM! TROUXESTE OS DESENHOS?

AINDA NÃO! O MESTRE VOLTOU REPENTINAMENTE COM UM NOVO DISCÍPULO!

RECEBEI MAIS ÊSTE DINHEIRO! ALÉM DO ESTUDO DO PÁRA-QUEDAS E DO SINO SUBMARINO, QUEREMOS TAMBÉM O DESENHO DA NOVA MÁQUINA DE GUERRA QUE LEONARDO ESTÁ PREPARANDO!

Leonardo Da Vinci era filho de Ser
Piero e Catarina Acc. Habriga e
nasceu no verão de 1452, no distrito de
Anchiano; principiou seus estudos de
pintura na escola do Verrocchio.—
Seus dons geniais em breve o levaram
às pesquisas que resultaram em
invenções surpreendentes, a ponto de
fazer crer que êle utilizasse a magia
negra. Tornou-se o homem enciclopé-
dico procurado por todos os grão-
senhores, até que Lourenço, o Magnífico,
conseguiu tomá-lo a seu serviço...
É precisamente neste período que se
desenrolam os episódios de nossa
narrativa.

Lourenço, o Magnífico, está majestosamente sentado na sala de armas. Em tôrno dêle, discutem sôbre filosofia Poliziano, Marsilio Ficino e Pico della Mirandola. O bôbo da côrte deleita-se a escarnecer ora um, ora outro.

Súbito, surge o mestre de cerimônias.

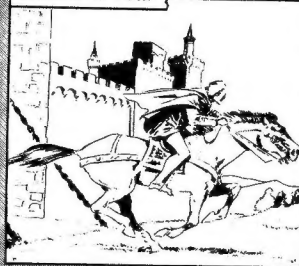
O Embaixador de Ludovico Sforza apresenta-se à frente de seu séquito. Saúdam-no os toques de trombeta.

Os cavaleiros ingressam no castelo, enquanto os lanceiros do Magnífico apresentam armas.

Com tôda pompa, desfilam altas personagens através das salas do castelo... Abrem-se as portas da Sala do Trono.

São apresentadas as credenciais. Os pergaminhos contêm as mensagens de Ludovico, o Mouro...

O Magnífico rompe os selos, lê e depois escuta...

Pouco depois, sai do castelo, a galope, um cavaleiro, que se dirige à residência de Leonardo Da Vinci.

Ali chegando, encontra o Mestre completando o esbôço do quadro "A Adoração dos Magos".

A alegria de Zoroastro e André Saladino contrasta com o desapontamento de Cesare Da Celso... Como poderá êste manter a palavra dada ao espião?

Enquanto se desenvolvem os preparativos para a viagem, Cesare escreve algumas palavras num pergaminho, que oculta sob o manto...

Dirigindo-se depois ao jardim, imita o coaxar da rã... Do muro se destaca uma sombra... Cesare Da Celso atira o pergaminho, que é apanhado pelo desconhecido...

Na noite seguinte, na Ponte Nova, três homens mascarados estão à espreita...

Pouco depois, chega Cesare Da Celso...

Enquanto o traidor se conluiava com os outros contra o Mestre, êste velava, à janela...

POR ONDE ANDARÁ CESARE DA CELSO? É MELHOR TÊ-LO SOB VIGILÂNCIA!

Antes de raiar o dia...

LEVANTAI-VOS! É HORA DE PARTIR!

Ajudados pela criada Maturina, os três levam as bagagens à mala-posta.

Parado junto ao carro, esperava-os Cesare Da Celso...

DESCULPAI-ME, Ó MESTRE! SAÍ ESTA NOITE A DESPEDIR-ME DOS PARENTES.

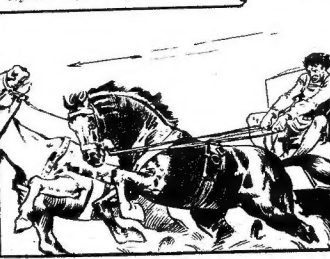
Içadas as bagagens à coberta do carro, ei-los que partem...

Saem da cidade pela estrada de Vigna Vecchia e Borgo dei Vecchi. Por trás dêles, fecha-se de novo a porta de San Gallo, da cidade de Florença.

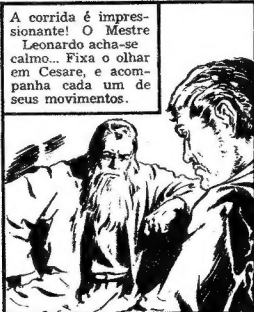
Os viajores adormecem, com exceção do Mestre Da Vinci e de Cesare, que, sentados um ante o outro, permanecem acordados.

Cesare está nervoso, enquanto o Mestre se põe a cochilar...

ADORMECEU... MELHOR ASSIM... PODEREI MAIS FÀCILMENTE REALIZAR MEU INTENTO...

Já se divisa ao longe o burgo de São Lourenço. De repente, sibilam flechas sôbre os cavalos que, espantados, se empinam...

Baixa o chicote sôbre o dorso dos corcéis... O galope se torna desenfreado, e a mala-posta desliza sôbre a estrada enlameada...

QUE SE PASSA?

ESTAMOS SENDO ASSALTADOS! MAS NÃO RECEEIS! MEUS CAVALOS CORREM BEM!

A corrida é impressionante! O Mestre Leonardo acha-se calmo... Fixa o olhar em Cesare, e acompanha cada um de seus movimentos.

Os velozes cavalos dos perseguidores avançam cada vez mais...

DETENDE-VOS, OU DESVIAREMOS O CARRO PARA O BARRANCO!

Cesare baixa a mão para o baú colocado sob o assento... Pega-lhe a alça e está para puxá-la, mas...

Segurando-lhe o pulso, Leonardo aperta-o com tanta fôrça, que faz o jovem gritar de dor...

PIEDADE, MESTRE!

QUE DESONESTO! VAIS EXPLICAR-ME O QUE PRETENDIAS FAZER!

Depois, tira do bôlso uma rodela de ferro, esfrega-a com fôrça na roupa e atira-a à estrada.

Um estrondo ensurdecedor repercute nos bosques e uma fumaça azulada e lacrimogênea alça-se contra os perseguidores que...

...estonteados e temerosos se detêm, retomando a seguir velozmente o caminho por onde tinham vindo...

NADA TEMAIS! AOS COVARDES, BASTA-LHES UMA PEQUENA NUVEM DE FUMO PARA FORÇÁ-LOS À RETIRADA!

CONFESSAREI TUDO! MAS... NÃO ME ENTREGUEIS À JUSTIÇA!

Após longa viagem, Leonardo chega a Milão.

Está com trinta anos de idade, é um belo homem e seu olhar é suave e tranqüilo como o de uma criança.

Ludovico Sforza recebe-o como a um príncipe.

QUERO MANDAR LEVANTAR, À IMPERECÍVEL MEMÓRIA DE MEU PAI, UM GRANDIOSO MONUMENTO EQÜESTRE... SENTES-TE CAPAZ DE MODELÁ-LO?

ESPERO CONTENTAR-VOS, EXCELÊNCIA!

VEM ESTA NOITE AO CASTELO... DAREI UMA GRANDE FESTA.

Chove... Envolto em ampla capa, Leonardo caminha encostado às paredes para não se molhar.

No castelo, seguindo os convidados pela antecâmara, prossegue entre duas filas da guarda ducal: mamelucos turcos, alabardeiros escocêses, lanceiros suiços, revestidos de brilhantes couraças e sustendo pesadas armas. À frente dêles, uma dupla fileira de pajens... Leonardo Da Vinci sente-se deslumbrado...

Mais tarde, no castelo...

SOU GRATO A VOSSA EXCELÊNCIA PELO FAVOR COM QUE ME DISTINGUE.

O Duque apresenta-o aos convidados.

APRESENTO-VOS, DAMAS E CAVALHEIROS, "MESSER" LEONARDO DA VINCI, ARQUITETO, ESCULTOR, MECÂNICO, HIDRÁULICO E INVENTOR. A PARTIR DE HOJE, É NOSSO HÓSPEDE!

Entretanto, o alquimista da côrte, "Messer" Galeotto, estuda os ácidos mais esquisitos, pesquisando uma mistura corrosiva.

"Messer" Galeotto está atento, e...

FELISBERTA! FICA JUNTO À PORTA E AVISA-ME DA CHEGADA DO DUQUE COM SEU SÉQUITO.

Deixando de lado os ácidos, aumenta a chama de álcool, que faz ferver um liqüido escuro...

"MESSER", GALEOTTO! AÍ VÊM ÊLES! AÍ VÊM ÊLES!

QUE HONRA FAZ O SERENÍSSIMO DUQUE AO MAIS HUMILDE DE SEUS SERVIDORES! ENTRAI, "MESSERI"! DENTRO EM POUCO, VEREIS COM OS PRÓPRIOS OLHOS A TRANSFORMAÇÃO DE CHUMBO EM OURO PURÍSSIMO!

OS LONGOS ESTUDOS QUE REALIZEI LEVARAM-ME À MARAVILHOSA DESCOBERTA. AGORA, ATENÇÃO!

Tendo cortado o chumbo em minúsculos fragmentos, lança-o ao cadinho, onde já verteu o líqüido que preparara precedentemente. Depois, mexe-o com umas varetas...

PRONTO! LOUVADO SEJA DEUS, QUE DÁ A SUAS INDIGNAS CRIATURAS UMA PARTE DE SEU ILIMITADO PODER!

SERVIR-ME-ÁS SEMPRE FIELMENTE?

SEMPRE, DUQUE! ENTRETANTO, VOSSA EXCELÊNCIA PODERIA ESTIMULAR-ME COM UM NOVO SUBSÍDIO... BASTAR-ME-IAM CINQÜENTA MIL DUCADOS...

... e os visitantes se retiram, satisfeitos

NÃO VINDES CONOSCO, "MESSER" LEONARDO?

FICAREI UM POUCO, EXCELÊNCIA. INTERESSAM-ME AS EXPERIÊNCIAS DE "MESSER" GALEOTTO!

Quando fica a sós com o alquimista...

IMPOSTOR! DESMORALIZADOR DA VERDADEIRA CIÊNCIA!

POR QUE ME INSULTAIS?

PORQUE O OURO ESTAVA ESCONDIDO NAS VARETAS. QUANDO O REVESTIMENTO DESTAS, DE MADEIRA, FOI CONSUMIDO PELO CHUMBO FUNDENTE, O OURO CAIU NO CADINHO! POR QUE FIZESTE ISSO?

NÃO REVELAREI O TEU ARDIL A PESSOA ALGUMA; MAS, LEMBRA-TE DE QUE A TRANSFORMAÇÃO DOS METAIS É UMA UTOPIA; A PEDRA FILOSOFAL NÃO EXISTE, NEM PODE EXISTIR!

A PEDRA FILOSOFAL EXISTE, E EU HEI DE ENCONTRÁ-LA!

QUANTA MALDADE HÁ ENTRE OS HOMENS! CESARE DA CELSO... "MESSER" GALEOTTO...

André Saladino estudava a nova invenção do Mestre, quando êste chega Da Vinci se reanima.

Observa o discípulo e entusiasma-se ante a vontade férrea que não pensa em repouso.

NÃO... NEM TODOS OS HOMENS SÃO MAUS...

Sentando-se ao lado de Andrea, explica-lhe o funcionamento da máquina.

No dia seguinte, no estúdio, Leonardo está esboçando o "Colosso", enquanto André contempla o "Medidor de chuva", a mais recente invenção do Mestre Zoroastro ajusta os tirantes da máquina de voar Sòmente Cesare trabalha em pintura Tudo está calmo; dois fatos, entretanto, vêm perturbar os ânimos...

Leonardo vem a saber que o Duque de Milão declarou guerra à República de Veneza. Excitado, abandona o modêlo do "Colosso" para ir procurar, entre os seus documentos, o esbôço de um carro de combate, blindado, que ideara...

Ao sair, apressado, deixa aberta a caixa dos manuscritos e dos esboços. Cesare, ao se ver sòzinho, cede a um desejo irrefreável de revistar os documentos.

Atormenta-o, porém, o perdão do Mestre à perfídia passada...

De repente um mendigo bate à porta Cesare reconhece, sob o disfarce, um espião a serviço da República de Veneza E o mendigo lhe sussurra .

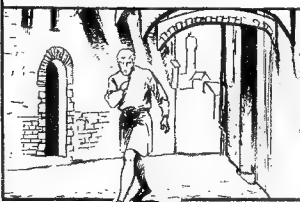
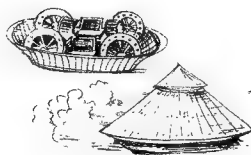
OS PLANOS!

VAI-TE DAQUI! NÃO ME ATORMENTES!

SE DENTRO DE TRÊS DIAS NÃO CONSEGUIRES OS DOCUMENTOS QUE INTERESSAM A MEU SENHOR, ESTÁS PERDIDO!

O mendigo olha-o torvamente, tira da cinta um punhal e, com gesto brusco, atira-o à parede, dizendo...

ASSIM TE FERIREMOS!

O mêdo se apossa de Cesare, depois que o mendigo se vai. Luta mentalmente contra êle mesmo, mas é demasiado fraco para resistir Como que em delírio, abre a caixa, revista-a, extrai certos documentos. . Depois, nervosamente, esconde a caixa, e sai. Aonde se dirigirá?

Entrementes, se ultimam as primeiras construções de carros blindados. Os carros têm forma cônica, semelhante à dos carrosséis No seu interior se abrigam os atiradores, protegidos pela cobertura blindada. As rodas, os animais de tração e os combatentes ficam invisíveis ao inimigo, e invulneráveis!

No dia em que os dois exércitos inimigos se defrontam, o Duque de Milão ordena que os carros blindados sejam postos em ação!

AVANTE! À PROVA DE FOGO!

E as monstruosas máquinas de guerra aparecem no campo de batalha, avançando no terreno favorável da planície lombarda. Por trás delas, a infantaria está protegida. O inimigo, surprêso, reage com inúmeras flechas, intensifica os disparos de bombardas e de morteiros, sem conseguir deter a marcha vitoriosa das novas máquinas!

Já a vitória parece sorrir aos milaneses, quando surgem velozes cavaleiros inimigos, atacando pelos flancos, e modificando o plano de ofensiva As armaduras dos cavaleiros são de resistente aço...

Mas os inimigos não conhecem o poder dos carros blindados de Leonardo! Sua arremetida foi acompanhada pelos atiradores nêles colocados, que derrubam, com seus disparos, os cavaleiros!

O atropelo é geral. Os cavalos feridos tombam, outros se empinam ou correm velozes em diversas direções...

O comandante procura reunir em seu redor os mais corajosos, mas um tiro de bombarda o atinge em cheio!

Alguns procuram ajudá-lo, outro recolhe o estandarte, para de novo desfraldá-lo, mas os golpes se sucedem. A retirada dos venezianos é desastrosa Os milaneses perseguem e dizimam os venezianos, que fogem em direção às colinas, onde se postam num baluarte inacessível Durante um dia e meio, não se alteram as posições.

Enquanto isso, longe dali, o mendigo, que obtivera os planos de Cesare Da Celso, galopa rumo a Veneza. Ei-lo que avista já as primeiras casas da cidade sereníssima...

Detém, então, o cavalo, apeia e, abandonando o animal, grita a um gondoleiro:

DEPRESSA! AO PALÁCIO DO DOGE!

Afinal, a proa toca a margem, no ponto de chegada

TOMA A TUA PAGA!

O Doge desenrola o pergaminho, observa os esboços, e ordena que se reúnam imediatamente os inventores, os matemáticos, os fabricantes de armas.

Pouco depois, a sala se enche de homens ilustres.

AQUI ESTÁ! ANTES DO ANOITECER, QUERO A EXPLICAÇÃO MINUCIOSA DÊSTES DESENHOS!

Mais tarde...

TRATA-SE DE UMA CÂMARA SUBMARINA E DE UM NOVO TIPO DE BOMBARDA. OS DIZERES QUE ACOMPANHAM OS DESENHOS SÃO INDECIFRÁVEIS! PARECE UMA ESCRITA ENIGMÁTICA!

TEMOS DE ENCONTRAR DE QUALQUER FORMA A CHAVE PARA DECIFRÁ-LA! É O ÚNICO RECURSO PARA NOS CONTRAPORMOS AOS MILANESES. DE OUTRA FORMA, ESTAREMOS PERDIDOS!

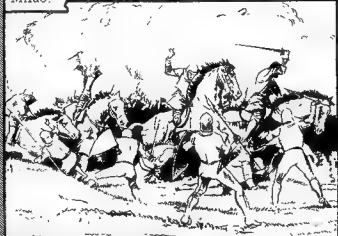
Mas, enquanto os venezianos estudam inùtilmente os desenhos de aparelhos bélicos que Cesare Da Celso furtara de Leonardo, êste, animado pelo príncipe Ludovico, o Mouro, Duque de Milão, ultima os preparativos para o ataque ao outeiro ocupado pelos inimigos.

EXCELÊNCIA! AMANHÃ, OS VENEZIANOS RECONHECERÃO QUE PERDERAM A GUERRA!

Na manhã seguinte, um pelotão de milaneses galga a encosta do outeiro depositando, em covas adrede abertas, certos engenhos preparados por Leonardo. A um sinal, dado do acampamento, os soldados põem fogo às mechas ...

Um estrondo, outra explosão, mais outra, fazem ir pelos ares as posições dos venezianos!

Entretanto, do outro lado, lança-se o ataque! Os venezianos resistem valorosamente...

... porque os milaneses avançam, protegidos pelos carros blindados e por nuvens de fumaça lançada por aparelhos especiais. A vitória é certa para o exército de Ludovico, Duque de Milão!

Depois da vitória, assina-se um tratado de paz. Ludovico, o Mouro, retorna a Milão, acolhido como um triunfador. Leonardo permanece modestamente à sombra, embora o mérito da vitória seja verdadeiramente dêle...

Entrementes, o Prior do convento de "Santa Maria delle Grazie" convidou o Mestre Da Vinci a pintar uma cena religiosa no refeitório do mosteiro. Leonardo escolheu para o quadro o episódio da "Última Ceia". Mas, por mais que o Prior com êle insista para terminar o trabalho, o artista o deixa inconcluso. Faltam, na parede, dois rostos: o do Salvador e o de Judas ...

Durante dias e meses é baldada a insistência Mas um dia, ao entrar na igreja para rezar, chama a atenção do artista o aspecto de um jovem.

À saída, Leonardo aborda o jovem.

A alegria do pintor é grande. Com destreza, esboça na tela o mesmo semblante que no dia seguinte começará a reproduzir no maravilhoso afrêsco da "Ceia".

O trabalho impede Leonardo de notar a ausência de Cesare, que fôra a Florença secretamente. Lá...

Cesare fica aflito ante essas palavras. Já não pode suportar o olhar do Mestre, por lhe haver furtado os planos... Agora, a nova tarefa lhe parece nefanda... Mas, antes que possa esboçar uma recusa, caem a um tempo na mesa uma bôlsa de dinheiro e um punhal...

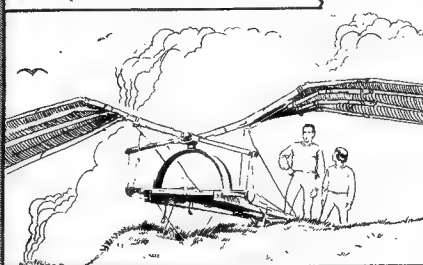
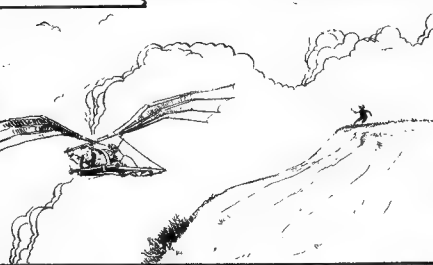
Cesare volta à oficina do Mestre. Encontra-o a explicar a André Saladino alguns trechos de seu "Codice Atlântico". Pisando de mansinho, aproxima-se e descobre que...

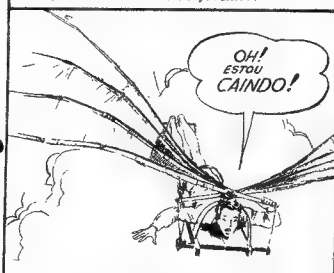
...o Mestre escreve com a mão esquerda, ficando as letras e as palavras grafadas em sentido inverso!

A escrita de Leonardo Da Vinci

O Mestre nem dá pela chegada de Cesare. Passa a dar explicações a Zoroastro quanto aos últimos retoques nas asas do aparelho quase concluído...

Aproveitando-se de um momento em que o Mestre se ausenta, Zoroastro, com a ajuda de um menino, transporta a máquina ao cume de uma colina, onde executa a sua montagem.

Zoroastro parece empolgado pelo espírito da glória. Quer dizer depois a Leonardo: "Mestre! Eu voei!"

O jovem solta a corda da catapulta. O aparelho desliza veloz e se projeta no ar...

Os músculos de Zoroastro trabalham. As asas alçam-se e se baixam! Já êle prevê a alegria de um vôo suave quando...

De repente, o corpo tem um frêmito... O mêdo entorpeceu os músculos do jovem...

As árvores amortecem a queda, mas uma dor na perna o impede de se mover.

Ao seu grito, responde outro, o do menino, no alto da colina. Êste desce a encosta, a correr, para libertar Zoroastro — A máquina de voar esta em parte destruída... O menino vai pedir auxílio a uns camponios...

A noite, o menino informa Andrea e Cesare do ocorrido. Enquanto o primeiro corre em ajuda...

...O segundo, achando-se sòzinho, pensa realizar o que há dias vem tramando...

...quando, de repente...

Leonardo, ao saber do sucedido a Zoroastro, esquece-se da destruição do aparelho, e corre em socorro do discípulo. Trazendo-o para casa, passa a maior parte do tempo à cabeceira do ferido, tratando-o como a um filho...

Para que Zoroastro possa completar a convalescença, Leonardo o incumbe de cuidar do pomar...

Zoroastro sorri. Conhece a bondade e a prodigalidade do Mestre, pelo que lhe parece uma brincadeira a recomendação feita. Não se passa muito tempo e, os pêssegos estando quase maduros, o mecânico, já com o orgulho de fruticultor, não se cansa de admirar os lindos frutos.

A notícia de que os pêssegos estavam envenenados corre de bôca em bôca. Certo dia, eis que Monna Cassandra, uma velha bruxa, se dirige ao pomar de Leonardo...

Sempre conversando, os três se dirigem ao pomar.

QUE SINGULAR EXPERIÊNCIA!

A velha faz cair dois pêssegos, prontamente apanhados e escondidos por sua companheira...

Mais tarde, à porta de serviço do Palácio, onde estão hospedados Gian Galeazzo e Isabel de Aragão, alguem traz um presente ..

DA PARTE DE SEUS DEDICADOS SÚDITOS!

Dois dias depois, enquanto o Mestre estava terminando seu quadro "A Virgem dos Rochedos"...

FUGI, MESTRE! SALVAI-VOS! A MULTIDÃO ERGUEU-SE CONTRA VÓS! DIRIGE-SE PARA CÁ, A FIM DE CASTIGAR-VOS! FUGI!

VENENO! SÓ O VENENO, PARA DAR-LHE MORTE LENTA!

VENENO!

DESTE A ALGUÉM DOS PÊSSEGOS CULTIVADOS EM MEU POMAR?

NÃO! MESTRE!

Já o Mestre e seus discípulos estavam a ponto de serem atacados pela multidão, quando, da esquina, irromperam gritos de "Salve-se quem puder! Aí vem a guarda do Duque!"

O MAGO ENVENENOU NOSSO SOBERANO! ENVENENEMO-LO TAMBÉM!

A guarda do Duque chega a presença do Mago..

"MESSER", O DUQUE LUDOVICO, O MOURO, VOS ROGA QUE ME ACOMPANHEIS!

Leonardo pensa em indagar do motivo do chamado, mas resolve calar-se... e acompanha o séquito.

No palacio do Duque de Milão, Da Vinci é interrogado .

NOSSO PRIMO GIAN GALEAZZO FOI ENVENENADO E APONTAM-TE COMO CULPADO. QUERO JULGAR-TE PESSOALMENTE, PORQUE TE SEI INCAPAZ DE TAL COISA. DIZE-ME, LEONARDO: TENS UM PESSEGUEIRO ENVENENADO EM TEU POMAR?

TENHO, DUQUE!

TENS ALGUMA DEFESA EM FACE DESTA ACUSAÇÃO?

SEM DÚVIDA! INJETEI O VENENO NA ÁRVORE, PARA UMA EXPERIÊNCIA, MAS OS FRUTOS NÃO ESTÃO ENVENENADOS! ESTOU PRONTO A COMPROVÁ-LO. MANDAI COLHÊR OS FRUTOS QUE FICARAM NA ÁRVORE!

Ao chegarem os belos pêssegos, Leonardo saboreia um dêles sem hesitar!

DESCULPA-ME! ESTA PROVA É A MELHOR REFUTAÇÃO A TEUS INIMIGOS. QUISERAM COMPROMETER A RETIDÃO DE TUA VIDA, PARA ENCOBRIR SEUS CRIMES. MAS HEI DE DESCOBRI-LOS E CONDENÁ-LOS SEM PIEDADE!

Amargurado por essa infâmia, o artista volta ao trabalho, onde o assalta uma idéia. A maldade humana estimula-o a procurar o rosto de Judas, o único que lhe falta para completar "A Ceia".

HUM... DE TRAIDORES COMO JUDAS, ESTÁ REPLETA A HUMANIDADE...

Passeia pelas ruas, frequenta as tavernas, mas sua pesquisa é infrutífera . . .

Com efeito, entre "Compar" Beppe e "Messer" Gilberto, tem início uma disputa imaginária em versos.

O pintor se aproxima do grupo e, observando "Messer" Gilberto embriagado, faz alguns esboços.

Quando se fecham as portas da taverna, Leonardo conduz "Messer" Gilberto à sua própria casa.

Naquela noite, Leonardo consegue transpor para a tela a figura de Judas!

Gilberto, o bêbedo, observa longamente o desenho e, depois, como invadido por uma fôrça misteriosa, começa a soluçar. . .

...e, no alvorecer do dia seguinte...

Leonardo interrompe-se... Não quer ofender quem já caiu tanto...

Tempos depois, o Mestre conduz seus discípulos ao refeitório do Convento de "Santa Maria delle Grazie", para lhes mostrar pela primeira vez o afrêsco da "Última Ceia". A magnífica obra de arte impressiona pela beleza da composição e pela expressividade evangélica das figuras.

Comovido, ao contemplar o quadro, Cesare Da Celso mostra seu arrependimento por ter agido também como um judas...

Decorrido algum tempo, após êsse dia, Luís XII, de França, declara guerra a Ludovico Sforza, Duque de Milão. Êste, vendo a inutilidade de qualquer resistência, com suas tropas mercenárias, pensa na fuga...

. . e se dirige ao subterrâneo do castelo, onde guarda o seu tesouro Metais preciosos, pedrarias, pérolas, jóias — tudo é lançado em grandes sacos...

Bernardino da Corte, novo comandante da fortaleza, vai ter com Ludovico, no subterrâneo, e é incumbido de uma importante missão...

BERNARDINO! TENS AQUI UM CASTELO COM DINHEIRO, CANHÕES, MANTIMENTOS E TRÊS MIL HOMENS ARMADOS. A FORTALEZA PODE RESISTIR TRÊS ANOS AO CÊRCO! SÓ TE PEÇO QUE RESISTAS TRÊS MESES! VOLTAREI PARA RECOMPENSAR-TE! ADEUS!

O Duque sai do subterrâneo, sem ver o sorriso de mofa nos lábios de Bernardino.

Dias após, Bernardino, miserável traidor, entrega o castelo ao comandante francês Trivulse!

PELA GRANDEZA E GLÓRIA DE LUÍS XII!

A 6 de outubro de 1499, Luís XII entra triunfante na cidade de Milão, sob os aplausos delirantes da turba, que pensa encontrar nêle um libertador. A fama de Da Vinci chega ao Rei, que deseja conhecer o protegido do Duque de Milão, Mas...

NÃO PRESTAREI SERVIÇOS AO ESTRANGEIRO, A NÃO SER QUE ME OBRIGUEM A ISSO!

Horas depois, o Rei manda oferecer ao Mestre o pôsto de arquiteto-chefe. Da Vinci, desafiando o olhar do estrangeiro, diz que dará resposta definitiva dentro de alguns dias, mas já pensando em um modo de se esquivar!

Isto lhe é possível meses após, sem que se tenha humilhado ante o estrangeiro. Tendo Luís XII regressado à França, Trivulse fica em Milão como Governador. Os partidários do Duque Ludovico conspiram com a plebe...

E eis que a centelha que há de fazer deflagrar a revolta é gerada numa taverna, por um soldado inimigo...

O MESMO FAREMOS A TODOS VÓS!

A reação é imediata!

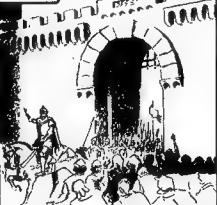
ABAIXO O REI! ABAIXO A FRANÇA!

Empunhando as mais variadas armas, o povo milanês se atira sôbre os franceses, em luta encarniçada que entusiasma os patriotas a ponto de levá-los a atacar o próprio castelo, onde se encontra o Governador Trivulse.

Êste, acompanhado de alguns soldados, consegue fugir através dos subterrâneos . .

Da Vinci, aproveitando a revolução, vai para Vaprio, onde reside seu amigo Gerolamo Melzi. Cesare Da Celso roga ao Mestre que o deixe ir a Florença. Em verdade, o que pretende é recuperar os documentos que furtara ao Mestre...

VAI, CESARE! LEMBRA-TE DE QUE MINHA AFEIÇÃO SEMPRE TE ACOMPANHA! PODERÁS REGRESSAR QUANDO QUISERES!

A 4 de fevereiro de 1500, Ludovico, o Mouro, torna a entrar em Milão, acolhido como um libertador... Mas sua glória durará pouco. . Um mês depois...

. .o exército de Luís XII de novo transpõe os Alpes, em direção a Novara.

Enquanto isso, Da Vinci, para se manter à margem dos movimentos políticos, procura tranqüilidade em Vaprio, na residência de seu amigo Melzi. O filho dêste, Francisco, tornou-se o predileto do Mestre.

Certo dia, enquanto os dois estão passeando. . .

"MESSER" LEONARDO! QUE SURPRÊSA!

"MESSER" GALEOTTO! DEIXASTES OS VOSSOS ALAMBIQUES E RETORTAS?

CLARO! POIS SE ENCONTREI A "VARA DE MERCÚRIO"!

A "VARA DE MERCURIO"?

SIM, E NÃO HÁ ARDIS NISTO! ESTA VEZ É A SÉRIO! A VARA INDICA A EXISTÊNCIA DE METAIS NO SUBSOLO. QUEREIS A PROVA? VINDE COMIGO!

E, depois, em Moudello, aldeia ao pé do Monte Campione, onde há uma jazida de ferro... Desta vez, as provas de "Messer" Galeotto se demonstram perfeitas e sem mistificação...

A vara vibra em sua mão e todo o corpo tem um ligeiro frêmito.

Terminada a experiência de "Messer" Galeotto...

QUE É ISTO?

NÃO SEI... OLHA AQUÊLES CLARÕES SÚBITOS... DIR-SE-IA UMA BATALHA!

Realmente, Ludovico o Mouro, com as suas tropas ajudadas por mercenários suíços, combate o invasor. Mas, eis que, durante a batalha...

...o comandante das tropas suíças ordena a seus homens que deponham as armas! É uma traição! Mas, Ludovico Sforza, o Mouro ...

...corajosamente afronta o traidor e abate-o. Ao verem perdido o seu comandante, os mercenários se deixam tomar pela indecisão...

A batalha é violenta! Os milaneses resistem, mas, constrangidos a defender-se em duas frentes, retrocedem. O adversário corta-lhes a retirada. O Mouro se vê perdido. Um sacerdote, seu confessor, insiste para que êle se disfarce vestindo seu hábito religioso.

Feito o improvisado disfarce, êle cavalga pelos campos, sem destino...

Súbito, surge uma patrulha francesa e ..

PARECE O DUQUE DE MILÃO! VESTIDO DE MONGE! SEGUI-O! PRENDEI-O!

Prêso, o duque é levado ante Luís XII.

TRANCAI-O NUMA JAULA DE FERRO E LEVAI-O A PASSEAR NUMA CARROÇA, POR TÔDA A FRANÇA, PARA ESCARMENTO!

Leonardo é informado da derrota de Ludovico, o Mouro. Dias após, tendo regressado a Milão, vê que Luís XII permite aos seus mercenários a mais desenfreada liberdade de saque. E, por isso, decide mudar-se para Florença...

...onde mais tarde a idéia de uma nova máquina para laminação de metais, com avanço automático, o absorve no estudo...

Os estudos são interrompidos, pois Cesar Borgia, chamando o Valentino, Duque de Romagna, manda a Da Vinci um salvo-conduto autógrafo, pedindo-lhe que o va visitar em Piombino.

Na mesma noite, homens mascarados, inimigos de Leonardo, se acumpliciam para prejudicá-lo.

AI, DE NÓS, SE DEIXÁSSEMOS FUGIR TAL OPORTUNIDADE! ENCONTREMO-NOS À UMA HORA, AO LADO CAMPANÁRIO...

Enquanto os dois sicários se esgueiram nos becos escuros, um outro vulto se aproxima da casa, de onde haviam saído. E Cesare Da Celso, decidido a agir em defesa do Mestre! Êle conhece a senha, e é recebido por um outro mascarado.

OLÁ! TU... EM FLORENÇA?

ENCONTREI FINALMENTE A CHAVE DO ENIGMA QUE HÁ NOS DESENHOS DE LEONARDO!

ÉS, NA VERDADE, UM JOVEM VALENTE!

O homem mascarado comprime um botão e tira de um cofre, na parede, um pequeno escrínio...

AQUI ESTÁ! ASSIM NOS POUPAS UM ARRISCADO ATAQUE. PRECISAMENTE ESTA NOITE HAVÍAMOS DECIDIDO OBRIGAR LEONARDO A FALAR!

DÁ-ME UM ESPÊLHO. VOU REVELAR-TE AGORA O MISTÉRIO DESSA ESCRITA!

Mas, ao invés de tirar do gibão uma pena de ganso, para escrever, o que saca é um punhal.

NEM UMA PALAVRA! SENÃO, CALARÁS PARA SEMPRE! LARGA O ESPÊLHO, E SENTA-TE NAQUELE BANCO!

Ajuntando os documentos, Cesare retira-se.

AGORA, INTERPRETA SOZINHO A ESCRITA DE MEU MESTRE!

Mais tarde, em casa de um pastor seu amigo ...

GIAN VITO, AQUI ESTÃO OS DOCUMENTOS DE QUE TE FALEI... SE DENTRO DE OITO DIAS EU NÃO VIER BUSCÁ-LOS, ENCARREGA-TE DE ENTREGÁ-LOS A MESTRE LEONARDO... SE ISSO NÃO TE FÔR POSSÍVEL, QUEIMA-OS...

FICAI TRANQÜILO, "MESSER" CESARE! FAREI O POSSÍVEL PARA DESEMPENHAR BEM ÊSTE ENCARGO!

TOMA, GIAN VITO, E ADEUS... AGORA VOU AVISAR AO MESTRE PARA QUE SE PREVINA...

Entrementes, o mascarado tenta desesperadamente libertar-se das cordas ...

Tendo-o conseguido, arma-se, e vai ter com os cúmplices, ao lado do campanário...

...e põe-nos a par do que lhe acontecera Furiosos, os malfeitores vão à casa de Leonardo, onde se detêm, à espera...

SEM DÚVIDA, CESARE LEVOU OS DOCUMENTOS A LEONARDO...

De repente, vêem sair da porta um homem...

em quem os mascarados — que são espiões dos venezianos — reconhecem Cesare!

Cesare, ouvindo os gritos, acelera o passo, depois corre velozmente .. Os três homens saem-lhe no encalço.

De um beco lateral, desemboca de repente um dos três perseguidores, depois os outros dois. A luta é desigual...

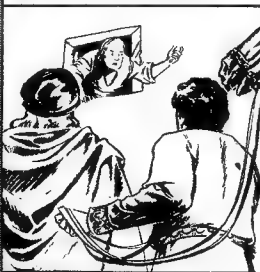
Na escuridão, ouve-se um grito...

O sacrifício de Cesare tornou possível a salvação do Mestre, o qual, juntamente com seu inseparável discípulo Francisco Melzi, antecipa sua partida para a Umbria, fugindo pelo lado do jardim.

Os cavalos dos fugitivos galopam dentro da noite. Mas pouco a pouco os domina o cansaço...

De repente, os dois avistam uma luz distante, e se dirigem para ela...

É uma hospedaria. Êles insistentemente batem à porta...

Afinal, abre-se uma janela, e o hospedeiro diz-lhes que esperem...

Os hóspedes são alojados num cubículo sem confôrto, mas quando Leonardo exibe o salvo-conduto de Cesare Borgia, o estalajadeiro torna-se cerimonioso, e...

...lhe cede seu próprio quarto, fazendo sair do mesmo três capitães franceses que ali havia alojado anteriormente...

O mestre deseja a seu discípulo um bom descanso.

Desce a seguir ao andar térreo, onde encontra um grupo em vigília, a palestrar. Um, entre os demais, discorre sôbre política Leonardo reconhece-o. é Nicolo Machiavelli, secretário do "Conselho dos Dez", da República Florentina.

Da Vinci vai dormir, e, após a noite tranqüila, uma tempestade obriga os homens a permanecerem na estalagem no dia seguinte.

Leonardo, não tendo outra coisa a fazer, distrai-se a construir um espêto automático, de sua invenção: uma roda de pás é posta em movimento pelo escapamento do ar quente da lareira, e, por sua vez, põe a girar o espêto de assar...

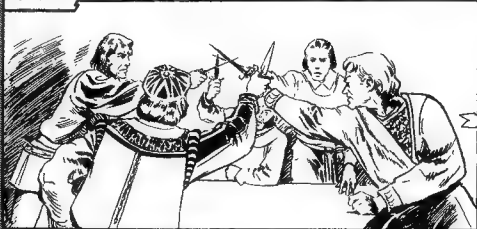
AÍ O TENS, ESTALAJADEIRO... ASSIM, SEMPRE TE LEMBRARÁS DE MIM...

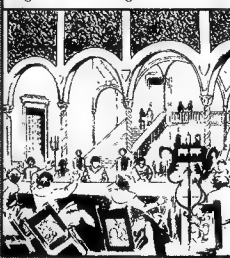
Machiavelli diz, então...

SEI, POR SUA FAMA, DE UM SÓ HOMEM CAPAZ DE CONSTRUIR TAIS ENGENHOS: É LEONARDO DA VINCI!

Em Piombino, o encontro do Mestre com Cesare Borgia é dos mais cordiais. Juntos visitam a fortaleza e projetam a drenagem dos pântanos...

Mas Cesare é forçado a voltar a Urbino para se impor à população amotinada e dar combate aos seus inimigos.

Enquanto isso, o Duque Orsini, seu aliado, e Paolo Baglioni, Senhor de Perugia, concluem, com os senhores de Siena, um pacto secreto contra Cesare Borgia. A voz de Paolo Baglioni troveja: "Juro, antes de passado um ano, aprisionar ou expulsar da Itália o pérfido Cesare!"

Fazendo promessas a uns, intimidando a outros, e, sobretudo, tratando a todos com astúcia, Cesare convida-os a ir à cidade de Senigalli, sob o pretexto de assinarem uma aliança.

Mas, ao terminar o festim, abrem-se grandes alçapões que engolem os inimigos de Cesare!

Enquanto êste supõe haver reduzido para sempre os inimigos à impotência, um guerreiro passa a galope pelas cidades e lança o apêlo...

VOSSO AMO FOI TRAÍDO E APRISIONADO: UNI-VOS E ACOMPANHAI-ME!

A notícia abala a população, e os homens acorrem a Senigallia...

.. onde Cesare está festejando o fim de seus inimigos.

MORTE A CESARE BORGIA!

E logo são liberados os nobres que, à frente de seus súditos, obrigam Cesare Borgia a fugir.

30 de maio de 1506. Em companhia do inseparável discípulo Francisco Melzi, Leonardo parte para Milão, onde o acolhe com admiração o Governador francês, Charles Amboise.

Enquanto isso, em Florença...

Tornando a envergar os trajes de trabalho Gian Vito, o pastor, tange o rebanho pela estrada de Milão. O caminho é longo, mas êle está certo de poder cumprir a promessa feita a Cesare Da Celso .

Em uma certa noite de tempestade, refugia-se numa granja. — Ali, à luz de um relâmpago, entrevê duas figuras de aspecto sinistro...

que, de repente, o atacam...

O pastor treme, apavorado, mas, depois, finge ter adormecido...

De repente, ouve-se um agudo assobio!

No momento em que está para sair do esconderijo, um tiro de arcabuz ecoa dentro da noite!

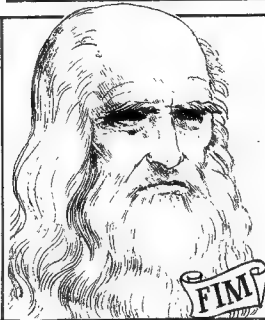
Um grito de dor acompanha-lhe o eco O pastorzinho desce a encosta precipitadamente, para levar socorro...

Já ouve o penoso estertor da pessoa que tinha sido alvejada. Mas, vendo aproximar-se os dois vultos sinistros, o pastorzinho Gian Vito, embora desarmado, quer salvar o ferido. E, para isso, tenta empurrar um rochedo pela encosta abaixo...

E, quando os assaltantes se convertem em fugitivos, o pastorzinho obstina-se em querer fazer rolar sôbre êles a pedra .. Mas, perdendo o equilíbrio...

Na manhã seguinte, um grupo de montanheses, assustados pelo estampido que haviam ouvido, durante a noite, saem para verificar o que houvera, e encontram os dois feridos: o viajante que recebera o tiro, e o pastorzinho Socorrem-nos, e transportam-nos em macas feitas com ramos.

A notícia do atentado sofrido pelo secretário do Governador — pois era êle o viajante assaltado — espalha-se pela cidade O pastorzinho ferido é acolhido no palácio ducal, onde lhe oferecem presentes e dinheiro. Mas êle insiste em um pedido: que o façam encontrar Leonardo Da Vinci: Os cortesãos mandam chamar o Mestre...

Leonardo Da Vinci nem pode responder Está profundamente comovido, e, apesar do que sofrera, devido ao mau proceder de Cesare Da Celso, perdoa-o de todo o coração. Leonardo Da Vinci, o Mestre, é bondoso e compreensivo E sente-se reconfortado, por saber que seu discípulo se arrependera do mal que lhe fizera!

A Lenda de Sir Percival

★

DESENHOS DE BOSCARATO

★

Esta é a história do Santo Graal — a urna em que José de Arimatéia conservou o cálice de Jesus Cristo. Só um cavaleiro sem mêdo e sem pecado poderia reconquistá-lo.

Na Escócia dos tempos lendários... No tôpo de um monte, em situação inexpugnavel, vê-se soturno castelo. Jamais o tropel de uma cavalgada de armas ou de caça ecoa nos seus pátios silenciosos...

Todavia, à hora do crepúsculo, um escudeiro sai do castelo e se posta em frente à ponte levadiça, até caírem sôbre a terra as primeiras sombras da noite.

Nessa triste mansão, aberta ùnicamente aos peregrinos pobres, vive Erzeleide, a viúva de Gamuret, Cavaleiro da Távola Redonda. Desde o dia em que seu espôso foi morto em combate, Erzeleide transformou o castelo em convento e, ali, afastada do mundo, dedicara-se a educação de seu único filho Percival, confiado à guarda do velho e fiel escudeiro Lupus.

Lupus... que há para além daquelas montanhas azúis?

Outros castelos, outros homens...

Outros homens? E êles estão, também, sempre fechados nas suas tôrres, como nós? E não saem nunca?

Hum... sim, às vêzes êles montam a cavalo, vão à caça, levam seus arcos e flechas...

E depois, e depois, Lupus? Anda, dize-me, como são as flechas e os arcos?

Percival, eu já te disse que não deves fazer-me tantas perguntas, porque eu não sei explicar-te... E tua mãe não quer que se fale nessas coisas... Olha, lá vêm peregrinos!

Tendes algo para saciar-nos a fome? Estamos tão cansados!

Aproximai-vos! Vou já abaixar a ponte!

Vou também à hospedaria Lupus!

Não, espera-me aqui. Bem sabes que tua mãe não quer...

Pronto! Nem sequer posso ir à hospedaria! Eu quero saber o que fazem os outros homens por onde andam, como vivem afinal de contas, eu sou como êles. Quero saber... e hei de saber!

Aproveitando um momento propício, Percival se esgueira pelo caminho mais curto e esconde-se num cantinho escuro da hospedaria.

Oh, obrigado, multíssimo obrigado!

Vou preparar-vos um aposento.

Que Deus te recompense! Sim... Gostaríamos de repousar... Estamos exaustos!

Percival sai do esconderijo...

Viajaram tanto, assim?

Há anos viajamos, meu menino!

Estamos vindo do túmulo de Nosso Senhor, do longínquo Oriente... Cobrimos todo o percurso a pé, a fim de remir os nossos pecados!

E tu, quem és? Por que tens tão grande cicatriz no rosto?

Eu sou Lancelot do Lago, e fui Cavaleiro do Rei Arthur. Quando eu era jovem e brandia a espada, não havia Cavaleiro mais forte do que eu. O meu orgulho era desmedido e eu me julgava invencível. Matei muitos homens...

... e, apesar disso, ousei aspirar à conquista do Santo Graal... Um arcanjo vedou-me o caminho... Só um Cavaleiro puro, e livre de todo pecado, poderia conquistar a Taça Mística!

Mas... que é o Graal?

É a Taça na qual Jesus bebeu vinho na última ceia e em que José de Arimatéa recolheu o sangue do Crucificado...

As estranhas palavras do peregrino abrem, de chôfre, na mente exaltada do jovem Percival, um horizonte luminoso. E aquêle mundo fascinante e desconhecido que sua imaginação ardente, por inexplicável intuição, criara para lá dos muros do sinistro castelo, agora vive e palpita através das palavras de Lancelot, que dizem das proezas realizadas pelos Cavaleiros do rei Arthur para arrancar o Graal Místico às mãos dos infiéis Fala o Cavaleiro da cicatriz — fala de espadas, assaltos, vitórias... fala de Gamuret... E Percival quer saber ainda mais...

Ouço os passos de Lupus... Adeus, devo ir-me embora.

Então... meu pai foi Cavaleiro do rei Arthur! Sem dúvida possuía espada e armadura! Vou procurar as suas armas!

Com o espírito agitado pela narrativa do peregrino de rosto marcado pela cicatriz, Percival percorre o sótão imenso e escuro do sinistro castelo

Eis aqui a armadura... o escudo... a espada!

Oh, a espada de meu pai! Como é pesada! Quase nem a posso levantar! Mas, hei de crescer e ser forte, então... empunhá-la-ei, para ir à conquista do Graal ...

Mas, de repente

Mamãe !

Percival ! Quem te trouxe aqui ? Joga fora essa arma ! Isso traz a morte !

Mas . . . Mamãe . . .

Não, meu filho, tu não deves manejar essas armas, que foram a causa da morte de teu pai ! Quero que sejas bom !

Lupus, esconde aquela espada e aquela armadura. E vigia Percival mais cuidadosamente, para que êle não saia do castelo nem fale com ninguém. Vou vestir-lhe uma roupa igual à que usam os loucos

Mas, senhora . . .

Faze o que te digo ! E espalha o boato de que Percival perdeu a razão ! Ninguém deve mais aproximar-se dêle !

Farei o que ordenais, senhora, embora o lamente .

E assim metido na vestimenta dos loucos, Percival atravessa os anos da adolescência em lazer fenunino, sem poder, jamais, sair do castelo, sempre vigiado pela mãe — que sofre por constranger o menino àquela prisão, mas não consegue dominar o terror que a invade quando pensa na possibilidade de perder o único bem que lhe resta no mundo — o filho, que se transformou num belo e robusto rapaz.

Entretanto, durante todos aquêles longos anos, no espírito de Percival nunca morrera o sonho que lhe iluminara a alma no dia do encontro com Lancelot. Pelo contrário, a cada dia que se passa, mais vivas são as suas aspirações, e o mundo, por detrás das montanhas azúis, parece, mais do que nunca, chamar o jovem sonhador!

Quem sabe aonde vai dar a estrada que desce do castelo ? Vento, céu, montes, flôres, canto de pássaros . . . tudo me diz que o mundo é belo ! Por que será que mamãe, tão bondosa, é inflexível, quando lhe peço para sair ? Que haverá com o Santo Graal ? Passaram-se muitos anos . . . outros o terão conquistado . . . Quem sabe ?

Certo dia, porem ao pé da muralha, aparece um trovador.

Bandos de cavaleiros partiram para a conquista do Santo Graal , mas, nenhum dêles voltou... Onde estará dormindo o jovem que será o campeão da taça mística de Jesus ?

Estará êle cantando para mim ?

Trovador, quero falar-te! Aproxima-te da portinhola — acautela-te, para que não sejas visto.

Sim, meu senhor.

Entra, rapido...

Mas... estais vestido como os loucos... eu...

Nada receies. — dizem que sou louco para que eu não saia daqui. Sou tão são como tu e todos os outros, e chamei-te para que me fales do Graal. Recompensar-te-ei generosamente.

Está bem. Como quiserdes.

Escondido por entre os tufos de amoreiras silvestres que enchem a fossa interna do castelo, Percival ouve, mais uma vez, pela voz clara do trovador, a história da Taça Mística e do mundo que há do outro lado das montanhas...

O Santo Graal ainda está nas mãos dos infiéis e só um jovem puro e sem pecados poderá conquistá-lo. Assim cantam as baladas!

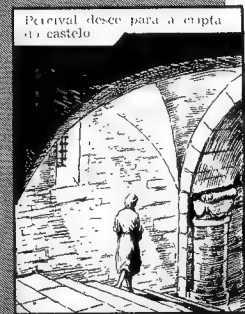
E depois! Que mais sucede ao tal jovem?

E assim, durante alguns dias, Percival e o Trovador se encontram às ocultas, por entre as amoreiras silvestres da fossa interna do castelo.

Mas... é necessário ser cavaleiro da Távola Redonda para poder empreender a grande aventura... e a côrte do rei Arthur fica longe...

Eu irei à côrte do rei Arthur e serei Cavaleiro do Graal. E, agora, podes continuar teu caminho.

Lembra-te, menino louro, só quem fôr isento de pecados poderá conquistar o Santo Graal! Adeus!

Vai, eu rezarei com fervor — e Deus me concederá a graça!

Percival desce para a cripta do castelo

Com fervor místico reza, ajoelhado sôbre a campa do pai. O jovem sente uma fôrça poderosa e desconhecida jorrar-lhe do coração...

e, ao mesmo tempo, uma doçura infinita lhe serena o espírito.

No véu que as lágrimas da emoção lhe estenderam sôbre os olhos, êle vê desenrolar-se a cena do Golgota... Goteja das chagas o sangue e é recolhido pelo Cálice precioso.

O GRAAL!

Percival se levanta. A visão desapareceu, mas outra surprêsa milagrosa o espera...

A espada de meu pai! Que mãos a terão pousado ali? Oh, Deus, tu me escolheste! Sê louvado!

Num esplendor de paraíso, que êle próprio não vê, Percival beija a cruz da espada.

Uma voz falou comigo... Eu sou um Cavaleiro de Cristo e qualquer demora seria criminosa. Sacrificarei o amor filial... Partirei para triunfar sôbre o mal!

Uma vez arrumados os seus poucos haveres...

É necessário deixar o castelo durante a noite, a fim de que ninguém me possa impedir a partida.

...Cingida a espada e selado o velho cavalo de Gamuret...

...Percival sai, pela porta secreta do castelo.

Não está aqui ninguém... Vamos, Balzar!

No céu daquela noite clara, brilham grandes estrêlas. Uma brisa sopra do mar longínquo, escondido por detrás das *montanhas*.

Esta noite início a minha grande aventura!

A floresta é verde e imensa — um mundo novo...

A estrada é longa e o caminho árduo para um rapaz pouco afeito às fadigas; mas a têmpera de Percival é forte...

E os homens que encontra lhe são benévolos...

Que Deus te recompense!

É apenas pão, não te posso oferecer outra coisa!

Adeus, pequeno cavaleiro! Usa bem a tua espada, como te ensinei!

Em defesa dos fracos e por uma causa justa! Felicidades, amigo soldado!

Súbito, um grito rompe o silêncio da floresta...

SOCORRO!

Malfeitores! Três contra um! Salopa, Balzar, vamos socorrer o viajante!

Em nome de Deus, deixai êsse homem!

SOCORRO!

Oh, um louco!

Vai-te daqui!

Desmontemo-lo, Gerard!

Largai-me, bandidos!

Agarremos o louco!

Refeito da queda, Percival se defende impetuosamente...

Para trás, miseráveis!

Mas um bandido o ataca pelas costas . . .

Ai !

Escapemos, amigos, antes que chegue mais gente !

Aquêles dois não se mexem tão cedo . . .

Ai de nós, se nos apanham !

Quando o rapaz recupera os sentidos, é noite fechada.

Ai . . . minha cabeça ! Oh ! Os bandidos me tiraram a espada e o cavalo . . .

Êle está gravemente ferido ! Devo procurar auxílio, mas . . . onde ?

Andando às cegas dentro da noite escura, Percival vislumbra, finalmente, uma luz, ao longe.

Naquela casa encontrarei socorro . . .

Baizar ! Meu cavalo ! Então . . . os bandidos estão aí !

Percival se aproxima cautelosamente da janela.

Os ladrões ! Êles têm a minha espada !

A minha espada . . encostada à porta ! Tomá-la-ei e farei justiça !

O rapaz apanha hàbilmente a espada e fica escondido por algum tempo, observando atentamente seus agressores. Um filête de sangue lhe escorre do ferimento e seu coração *palpita* de cólera à lembrança do pobre viandante prostrado . . .

Consegue porém, dominar-se . . .

Não . . . a cólera é pecado — e eu devo ser sem mácula . . . Falarei aos malfeitores . . .

Atenção . . . um ruido !
Desapareceu a espada do louco ! Cuidado !
Ha alguem atrás da porta !
Quem está ai ?
Detende-vos e escutai !
Escutai !
Agarrai o louco !

Percival e forçado a defender-se, mas sente o braço forte e firme e o co ação sereno

Recuai !

Assombrados com o ardor e a destreza do jovem no manejo da espada, temendo pela própria vida, os três ladrões mal podem reagir e são logo desarmados

Não nos mateis, por piedade !
Não vos matarei, mas exijo que repareis o mal que fizestes ! Sai . . . e vamos à procura do pobre velho que deixastes caido !

E os socorros mais inesperados se dirigem para o pobre andarilho . . .

que se assusta ao ver quem dêle se aproxima!

Os ladrões ! Socorro !
Nada temas . . . êles vão ajudar-te !

O ferido e tratado e medicado na taverna, onde Percival obriga os salteadores a lhe devolverem o dinheiro roubado

Aqui estão, intatos, teus cem ducados!

Pedi-lhe perdão e, depois, ide com Deus!

Os ladroes se afastam resmungando, mas um dêles compreendeu. .

Maltadado louco!

Havia de meter-se justamente em nosso caminho . . .

Não, amigos, devemos ser-lhe gratos. Êle nos poderia ter entregue à Justiça, mas, pelo contrário, poupou-nos a vida. Não é um louco . . . isso vos garanto. Naquele coração e naqueles braços jovens havia uma fôrça estranha . . .

Tambem o viajante é grato . . .

Moço, permite que te beije as mãos! Salvaste não só a minha vida mas, também, a do meu filho!

A de teu filho?

Os cem ducados eram para resgatá-lo . . .

Por que precisas resgatá-lo? Estará êle prêso?

Não, trata-se do seguinte: meu filho está muito doente e ninguém consegue curá-lo. Levei-o a um grande adivinho, que me pediu cem ducados para enxotar os maus espíritos do seu peito. Vendi tudo o que possuía . . . e meu filho será salvo!

Vejo uma cruz em teu peito . . . Sem dúvida, és cristão. Como podes, pois, acreditar em "adivinhos"?

Mas . . . eu . . .

Os demônios que trazemos no peito são os nossos pecados, e só a êles podemos afugentar! Conduze-me ao teu feiticeiro!

Transpostas as montanhas azúis do sul . . .

. . . Percival e seu novo amigo chegam à gruta do adivinho Tsaldaris . .

Oh, um louco

Tsaldáris há de curá-lo.

Cristãos! Se ainda acreditais em Deus, e a Fé não fugiu para sempre de vossos corações, deixai êste lugar . . .

. . . e elevai preces a Deus, suplicando graça e consôlo para vossos males!

Rapaz que vieste fazer em minha gruta?

Venho, como Cavaleiro do Bem, desfazer as tuas mentiras!

Antes que possa fazer um gesto, Percival é agarrado por braços vigorosos

Largai-me!

Segurai-o bem, para que não fuja!

Largai-me, repito!

Cura-o, mestre!

Percival é arrastado para perto de Tsaldaris, que tenta exorcismá-lo...

Ó Júpiter trovejante... liberta-o dos maus espíritos...

...e, com o olhar penetrante das suas pupilas negras, procura hipnotizar o rapazinho.

Obedece... obedece à minha vontade! Grande é o meu poder!

Senhor, faze com que eu vença! O meu ideal é nobre demais para que eu possa renunciá-lo!

Percival está apavorado, mas, a sua fôrça de vontade vence a prova e êle não cede.

Deixai-me, infiéis!

Desprendendo-se das mãos que o seguram, Percival empunha a espada pela lâmina, levantando-a bem alto como se fôsse uma cruz!

Recuai... DEUS É VENCEDOR!

A presença do Santo Símbolo faz tremer o solo da Caverna, e o céu, subitamente escurecido, é riscado pelo clarão dos relâmpagos. Tomados de pânico, os incrédulos fogem...

Deus de misericórdia, protegei-nos!

Socorro!

No interior da caverna, Tsaldáris, amedrontado, não se mexe...

À entrada da gruta, Percival vai de encontro ao furacão, erguendo aos céus a cruz da espada!

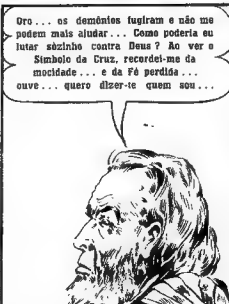
Abranda a Tua ira, ó Deus, e dá-nos novamente a Tua luz!

Quando diminui a fúria da tempestade...

Que fazes, Tsaldáris?

Não me maltrates... estou rezando...

Não estou aqui para fazer-te mal... Oras, mesmo, ou invocas, mais uma vez, as fôrças maléficas da magia negra?

Oro... os demônios fugiram e não me podem mais ajudar... Como poderia eu lutar sòzinho contra Deus? Ao ver o Símbolo da Cruz, recordei-me da mocidade... e da Fé perdida... ouve... quero dizer-te quem sou...

"Fui moço, forte e corajoso! O rei Artur sagrou-me cavaleiro do Graal e, também eu, parti para a grande aventura, mas a minha Fé era fraca.."

"Orava a Deus, mas acreditava na magia. Quis conhecer os mistérios das fôrças ocultas e servir-me delas para a conquista do Cálice Místico. Um adivinho do Oriente iniciou-me nas práticas cabalísticas..."

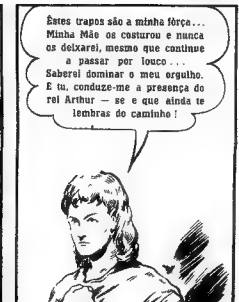
"... e quando aprendi tôda a arte e seus enganos, percebi que a Fé e o ardor não habitavam mais o meu coração. Abandonei tudo e vim viver aqui."

Estabelecerei aqui a minha moradia e não mais voltarei à côrte do rei.

Meu meio de vida era enganar os homens, e afastei-os para bem longe de Deus... Agora, sabes que o poder da magia é todo fingimento e se baseia ùnicamente na fraqueza do próximo!

Falaste no Graal, Tsaldáris... eu, também, quero ser cavaleiro, afim de conquistá-lo!

Tu? Impossível, com êsse traje pobre de louco!

Êstes trapos são a minha fôrça... Minha Mãe os costurou e nunca os deixarei, mesmo que continue a passar por louco... Saberei dominar o meu orgulho. E tu, conduze-me à presença do rei Arthur — se é que ainda te lembras do caminho!

As palavras altivas de Percival reavivaram o antigo ardor no coração do velho Tsaldáris, que acede em guiá-lo

Percival, tuas palavras trouxeram-me o ânimo da mocidade! Tu estás a caminho da grande conquista!

A côrte do rei Arthur é nas Gálias Azúis. Teremos alguns dias de viagem.

Durante a viagem, Percival e Tsaldáris afrontaram riscos e perigos, na aventurosa defesa dos humildes...

Levanta-te ! Ofereço-te a vida e a liberdade para que retomes o caminho da honra !

Em caminho do Condado de Gales...

Antes de descansar, façamos uma visita à igreja.

A fama do fervoroso cavaleiro, todo fé e pureza, já se espalhara pelos Condados da Bretanha...

... e lá, na côrte do grande rei cristão, Percival será sagrado cavaleiro...

e chega ao castelo da Escócia onde Erzeleide vive em terrível ansiedade...

Os trovadores trazem a notícia de que Percival está na côrte do rei Arthur, a fim de ser sagrado cavaleiro.

Percival ! O meu filho !

Deus de bondade, agora compreendo como fui cruel querendo o meu menino só para mim ! Tu o destinaste para uma grande missão... êle está sòzinho... entrego-o aos teus cuidados !

Preciso ir ao seu encontro... Lupus, sela o meu cavalo e prepara-o para uma longa viagem...

Erzeleide põe-se em caminho, abandonando o velho castelo.

Permiti que eu vos acompanhe, senhora ! O caminho vai ser longo e penoso !

Não, irei só... Deus me protegerá e me ajudará a encontrar Percival...

E Erzeleide segue, sòzinha, pela longa estrada.

Entretanto, o cavaleiro chega à côrte do rei Arthur.

Eu sou Tsaldáris, e êste é Percival.

Vinde comigo. O rei vos espera na sala da Távola Redonda

Deus meu, dá-me coragem!

Que emoção para o jovem dirigir-se para a sala em que o rei reúne o conselho dos seus denodados cavaleiros em torno da "Távola Redonda"! Ali não há distinção de lugares. Todos os cavaleiros são iguais ao próprio rei — em glória, coragem e generosidade! Por isso, os cavaleiros do Rei Arthur são cognominados de "Pares do Rei Arthur"!

De acôrdo com o cerimonial, Percival se ajoelha aos pés do rei Arthur

Majestade, prostro-me a vossos pés a fim de que me sagreis Cavaleiro do Graal!

Levanta-te, Percival — teu desejo será satisfeito!

E Percival é consagrado cavaleiro!

Agora, és Cavaleiro! Mas, a fim de poderes partir para a grande conquista, é necessário que vistas couraça e armadura, e aprendas a manejar a lança e a espada como um perfeito guerreiro!

Majestade, eu vencerei sem armas — só pela fôrça da minha pureza! Acaso não é assim que cantam as antigas baladas?

É, assim elas o dizem; as armas, porém, te servirão para a defesa. Serás adestrado em seu uso no meu *castelo*, e, então, poderás partir para a grande conquista!

Em que mãos está o Santo Graal?

Quando partiu o último cavaleiro, as notícias eram vagas e incertas, mas, aguardo mensagem de além-mar!

Por entre a multidão de trovadores, mensageiros e embaixadores de todo o mundo que chegam à côrte do rei Arthur, escondem-se espiões de Klingsor, o rei pagão que tem o Graal em seu poder

O rei sagrou um novo cavaleiro! Ouvi que se chama Percival!

Nesse caso . . . Arthur ainda tenciona apoderar-se do Graal !

Corramos, pois, a avisar Klingsor, o nosso rei !

Antes que cheguem notícias do Graal, os espiões atravessam os mares.

Entretanto, instruído pelos escudeiros do rei, Percival aprende a arte de manejar as armas, metido numa armadura de aço leve e resistente, especialmente forjada para êle.

Finalmente, chega o dia tão ardentemente esperado.

Percival, temos notícias de França !

Fala !

O Santo Graal, que os monges guerreiros conseguiram tomar aos infiéis, caiu em mãos de Klingsor, o rei pagão. Klingsor domina o velho mosteiro de Monsalvat, situado no meio dos picos nevosos dos Pireneus, lá longe, entre as terras de França e as de Espanha !

Então . . . vamos para Monsalvat !

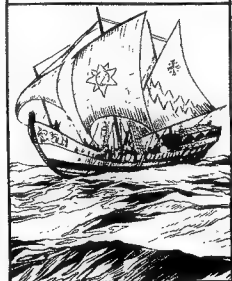
Percival não quer separar-se do traje costurado por sua mãe. Veste-o por baixo da bela armadura luzidia Tendo recusado uma escolta de escudeiros, monta Balzar, o fiel cavalo de Gamuret, e parte — rumo à costa...

..onde embarca, num navio de peregrinos. Humilde, também êle, entre os humildes.

Mas os espiões de Klingsor, o rei pagão, vigiam atentamente a costa e observam homens e navios..

Pronto ! O cavaleiro louro subiu ao navio !

Partiremos hoje à noite em nosso rápido veleiro, e o atacaremos de surprêsa, antes que êle alcance a outra costa !

Inicia-se, então, a viagem.

Após dois dias de navegação...

Barcos de piratas à vista !

Estamos perdidos !

Defender-nos-emos !

Vamos, homens! Rápidos! Às armas! Defendamo-nos!
É cada vez menor a distância que separa as embarcações...
...e, dentro em pouco, o navio de Percival está ao alcance dos piratas!
Preparem-se, rapazes, que aquêle barco é uma bela prêsa!
À abordagem!
Percival se defende com intrepidez, lutando ao lado dos marinheiros e de outros cavaleiros.
Para trás, miseráveis!
A luta é ainda mais feroz e difícil devido à agitação do mar, que levanta ondas altíssimas...
...que por vêzes atira alguns contendores às águas revoltas!
Percival está prestes a cair nas mãos dos homens de Klingsor...
RENDE-TE!
NUNCA!
E, aí, um vagalhão imenso vira os dois navios desgovernados!

Percival, embora sem ferimentos, é tragado pelas ondas, e quando consegue emergir está só no mar revolto e tenebroso

Meu Deus, faltam-me as fôrças, não consigo libertar-me da armadura!

Nesse instante, mão desconhecida agarra o jovem naufrago e impede-o de soçobrar

Chequei a tempo!

Nesse meio tempo, Erzeleide chega à côrte do rei Arthur.

Sou a mãe de Percival. Onde está meu filho?

Partiu há muitos dias... deve estar agora em França, a caminho de Monsalvat!

Pois... irei a Monsalvat! — Custe o que custar, quero tornar a ver meu filho e estar a seu lado na hora do perigo... talvez êle precise de mim...

Naquele momento, Percival já está salvo na costa normanda. Que o salvou foi Gérard — um dos três malfeitores que êle encontrara na primeira noite da sua viagem aventurosa

Tu, Gerard? Como vieste parar aqui?

Eu estava no navio, por entre os peregrinos, e dirigia-me ao Santo Sepulcro! Arrependi-me da minha vida passada... Graças a Deus, pude retribuir-te o bem que me fizeste!

Agradeço-te, Gerard! Vem comigo... procuremos abrigo! Quero recomeçar viagem o mais ràpidamente possível!

Conheço êstes lugares; vamos a Rochelle... antes, porém, pediremos pousada em casa de algum pescador; há muitos ao longo da costa...

Eis ali uma cabana... lá, poderás enxugar a vestimenta e a armadura...

Klingsor, que esperava Percival prisioneiro, recebe, ao invés, a notícia do naufrágio.

Os navios naufragaram!

E o cavaleiro do Graal?

Infelizmente, está salvo — na costa!

Foi assim que executastes as minhas ordens — deixando-o fugir, covardes? Hei de enfrentá-lo sòzinho! Desafiá-lo-ei em campo aberto e o matarei!

Meu senhor, quereis cometer um êrro irreparável? Dai uma oportunidade a Golbas, vosso fiel servo! Pelas armas, não vencereis Percival!

Como ousas falar-me assim, velho bufão?

Uma ideia diabolica para perder Percival brota no espírito de Golbas, o astuto bufão de Klingsor. .

Não o vencereis pelas armas, repito! Mas . . . os "Lais" predizem que só um cavaleiro isento de tôda e qualquer culpa poderá conquistar o Graal. Basta, pois, que Percival cometa uma falta para que o Graal fique em nossas mãos.

Golbas, rei dos bufões, mais ladino do que o próprio diabo... dize-me o que pretendes fazer!

Em segrêdo, Majestade . . . só em segrêdo vo-lo direi!

Golbas tem mais manhas do que um adivinho!

Êle tem razão! Vimos, no navio, que as armas do cavaleiro do Graal são invencíveis!

Entrementes . .

Pronto, estamos em Rochelle. Aqui podes reabastecer-te, também, de armas.

Aqui separam-se os nossos caminhos . . . o meu para o Oriente e o teu para os Pireneus. Vai — e que a sorte te seja favorável!

Adeus, Gerard! Que Nosso Senhor te proteja!

Tendo retomado o caminho, através montes e vales, Percival chega a uma planície deserta...

. .onde, à beira de um atalho...

Um mendigo!

Uma esmolinha, cavaleiro, pelo amor de Deus!

Quem és?

Sou um viandante esfomeado . . . Dai-me um pedaço de pão!

Com prazer!

Percvial dá tôda a sua provisão ao falso peregrino, que não é outro senão Golbas disfarçado. Êste devora tudo, representando hàbilmente o papel que se impusara, e interroga demoradamente o cavaleiro...

Disseste que vais a Monsalvat? Fazes mal em contá-lo a todo o mundo! Cuidado com Klingsor!

Não tenho mêdo!

Percival é ingenuo e desconhece a mentira, por isso, não percebe a perfídia!

Tu és um jovem corajoso . . . olha, eu vou para a Espanha, e, se me permitires, acompanhar-te-ei, para que me protejas durante todo o caminho!

Pois não, de todo o coração!

Uma vez atingido o seu primeiro intuito, Golbas guia o jovem através de lugares e caminhos desertos e intermináveis.

Temos ainda muito que andar?

Não. Dentro em pouco verás que chegaremos ao castelo de Tarbes, onde repousaremos.

Percival está exausto, e só consegue prosseguir animado pelo ideal que o inspira.

Precisamos arranjar um pouco d'água!

Eu me encarrego disso. Espera-me!

Reza, reza, simplório, que já vai a água!

Pudes esperar que eu te arranje água? Tenho bastante para mim, no fardel, e para ti . . . reservo-te uma boa surprêsa!

Pouco depois...

Não ha água por aqui, mas, breve chegaremos ao castelo!

Está bem. Prossigamos, então!

Apos algum tempo...

Um castelo! É Monsalvat!

Não, é Tarbes . . . eu conheço o castelão . . .

O castelo avistado é o alvo de Golbas. Lá está Klingsor, à espera. Preparam-se festas para a chegada de Percival, mas tôda aquela hospitalidade encobre uma traição diabólica.

Olha! Lá vêm os dois peregrinos!

Golbas cumpriu a palavra!

Finalmente, os viandantes atingem a ponte levadiça...

Sêde bem-vindos!

Meu senhor, aí está o rapazola! Vem exausto! É capaz de devorar uma despensa inteira e beber tôda uma adega! Ide recebê-lo!

Golbas, se teu plano der resultado, faço-te governador!

Klingsor se dirige a Percival...

Tenho a honra de apresentar-me: sou o castelão Guido de Tarbes!

Sou Percival. Peço-vos abrigo por uma noite.

Percival... o novo cavaleiro do Graal? Para vós, um simples abrigo? Não, o meu castelo todo está à vossa disposição! Mandar-vos-ei meus servos, com vestuários novos . . .

Não, obrigado. Não trocarei as minhas vestes por outras!

Aceitai, pelo menos, a hospitalidade de minha mesa! Servos!

Percival se afasta com um dos servos de Klingsor.

Maldito! Já começou a recusar! Não vai dar resultado o plano! Será melhor lançar mão das armas!

Calma . . . êle cairá! Mostra-lhe as salas com as mesas cobertas de iguarias cumula-o de gentilezas e de lisonjas . . e o belo cavaleiro acabará por esquecer a missão!

Enquanto Percival errava pelas planícies desertas Erzeleide, sua mãi, que seguia o caminho mais curto, chegara também, às imediações do castelo de Tarbes Movida pelo seu sentimento de piedade cristã, ela se apeara num leprosário, a fim de dar assistência aos infelizes, e fôra contaminada pelo terrível mal

Tem fé em Deus, mãe bondosa!

Eu não me desespero por que Deus me quis dar esta provação, mas porque receio não poder tornar a ver o meu filho!

De repente

Padre, estão festejando, no castelo a chegada do novo cavaleiro do Graal!

Mandai pedir os restos do banquete para nós!

A notícia trazida pelos dois leprosos é para Erzeleide um grande golpe . . .

Que disseste? Quem chegou?

O novo cavaleiro do Graal. É um jovem louro . . . e há festa no castelo!

Ao ouvir a notícia, a pobre mãe se precipita para fora da cabana . . .

É ele! É meu filho! Percival! Percival!

Pobre mãe . . . segui-a! Como poderá ela chegar ao castelo? Será escorraçada!

Enquanto isso, no castelo . . .

Por que não provas, sequer, da comida?

Sinto muito ter de recusar tuas finas iguarias, mas sou um cavaleiro do Graal .

. . . e me basta um modesto pedaço de pão e um gole de água da fonte!

Animal, estás vendo como êle continua a recusar?

Acabará caindo . . . não poderá resistir muito . . . esperai pela noite!

À noite, Klingsor faz nova tentativa.

Cavaleiro, a jovem dama pede vosso braço para a primeira contradança!

Agradeço-vos muito honrado, senhora. Perdoai-me se recuso, mas a dança não é própria a um cavaleiro do Graal . . .

Cavaleiro desajeitado e rude !

Também esta prova falhou !

Parece-me que, em vez de nomear-te governador, entregar-te-ei ao carrasco !

Nada temais, senhor . . . êle caira !

Êle irá agora para o seu aposento, daremos início à festa — e o som da música, os risos, a alegria o atrairão . . . êle não resistirá . . .

. . . e, se resistir, nos serviremos das armas !

Pouco depois, em seu aposento, Percival reza.

Obrigado, Senhor, por não me teres abandonado ! Fizeste-me vencer tôdas as tentações! O pecado se apresenta sob formas diversas e lisonjeiras e as nossas fôrças não resistiriam se não nos transmitisses a Tua Graça !

A festa se inicia...

Através das galerias abertas, chegam ao jovem os écos da música e do festim... a tentação é grande! Basta um segundo. . e tudo estará perdido!

Que esplendor ! Que magnificência ! Quanta riqueza ! Jamais vi coisa igual !

Vêde, majestade ! Lá está o rapazola... fascinado !

E, nesse instante. .

Percival ! Percival !

Ouvi uma voz . . . a voz de minha mãe !

Mamãe !

Percival ! Meu filho !

E, como um relâmpago, levando consigo a espada, Percival se precipita pelos corredores escuros do castelo...

.. salta da muralha externa...

...e se atira nos braços de sua mãe!

Mamãe, mamãe! Foi Deus quem te mandou!

Não me toques, meu filho... sou uma leprosa!

Que importa? És minha mãe... És a minha salvação!

Sim, filho querido!

Carregando a mãe nos braços robustos, Percival foge do castelo das tentações! Êle vencera, para sempre, o mal. Nas suas veias e no seu coração vibra uma grande fôrça! Percival nada mais teme — nem sequer o terrível mal que pode àcometê-lo e impedi-lo de levar avante a grande aventura!

Levar-te-ei ao padre Rodolfo e ficarei contigo até sarares!

Não, meu filho... não deves abandonar tua santa missão!

Entretanto, no castelo...

Vês, animal? Percival ainda não desceu!

Adormeceu, talvez! Irrompei no seu quarto e atacai-o! Ainda não está tudo perdido, Sire!

Pouco depois, um grupo sinistro se dirige ao aposento de Percival.

Klingsor e seus soldados penetram no aposento de Percival.

Não está aqui ninguém!

Revistai todos os cantos do castelo!

Êle desapareceu!

Pela madrugada, Percival chega ao leprosário.

Padre! Encontrei meu filho!

Cavaleiro, não deves ficar aqui! Foge ao contágio!

Ficarei um dia, apenas, a fim de repousar, e depois, partirei!

Mas, no dia seguinte...

Mamãe! Olha!

As manchas brancas da lepra! Tu, também, filho?

Em vão Percival tenta sustar o mal, que, em poucos dias lhe cobre todo o corpo de chagas horríveis...

Padre, não se pode fazer mais nada? Estou irremediàvelmente condenado?

Infelizmente!

Padre... Foi Deus que me castigou! Se minha mãe não tivesse surgido, eu teria sucumbido às tentações, no castelo!

Não fales assim, filho... tem Fé! Não sabes que tudo é possivel, para o Senhor?

Entretanto, Golbas chega ao castelo

Ah! ah! ah! O cavaleiro do Graal recolheu-se ao leprosário!

A lepra! O orgulhoso foi castigado! Vitoria!

Cheio de júbilo, Klingsor organiza uma orgia desenfreada.

Viva! Que os vinhos corram como rios!

Festejaremos durante cinco dias e depois iremos deitar fogo ao leprosário, para dar cabo daqueles pestilentos!

Percival incluido!

Durante aquêles cinco dias, Percival, ajudado pelo padre Rodolfo, segue, com sua mãe, em direção à sua tão almejada meta!

E eis que ela aparece, ao longe, qual uma visão encantada!

Lá está o mosteiro!

Monsalvat!

Chegamos a nosso destino!

Quando Klingsor volta a si do delírio da orgia...

Quantos dias se passaram?

Cinco... seis... não os contei... e até esqueci Percival!

Percival alcançou o cume do monte. Os poucos homens deixados por Klingsor para guardar o templo, ao avistarem os dois leprosos, se põem aos gritos...

Leprosos! Fujam todos!

Fujamos do contágio!

Os homens de Klingsor fogem, espavoridos, deixando o Templo abandonado aos dois leprosos perplexos e emocionados...

Minha mãe, tudo se está cumprindo como que por determinação divina!

... que nêle entram, respeitosos

Mas... como poderei eu tocar o Sagrado Cálice com estas mãos cheias de chagas?

Abre o tabernáculo filho! Não desesperes!

Com mãos trêmulas, Percival abre o tabernaculo ...

e o Santo Graal irradia uma luz fulgurante, como naquele dia longínquo em que apareceu, numa visão, ao menino, na cripta do castelo paterno. Vencidas as fôrças do mal, a ira, o orgulho, a tentação da gula e do prazer, Percival, puro e martirizado pela dor física, realiza o sonho de tôda a sua existência!

Em seu coração, porém, sente-se ainda indigno da grande conquista!

Senhor . . . não sou digno !

E, de repente ...

Olha, Mãe ! A lepra desapareceu !

Eu também estou curada ! Deus te distinguiu ! Vai e toma o Graal em tuas mãos !

Pouco depois, refeito da bebedeira, Klingsor se lança em furioso galope na direção do Templo

E, no momento exato em que Percival segura a Sagrada Taça ...

Ah ! Maldito ! Avançai, meus súditos !

Klingsor ! Ajoelha-te e reconhece o poder de Cristo Rei !

Klingsor levanta o braço para ferir, mas ...

Não ! Dá-me o Graal !

A luz ! Afastai essa luz ! Não quero vê-la !

Não vejo mais ! Estou cego !

Acudi ! Golbas ! Não fujais ! Não me abandoneis !

Meus fiéis amigos ! Golbas ! Socorro !

Abandonado, Klingsor tomba por entre as rochas e cai no abismo.

EPÍLOGO

Uma história genovêsa narra que, depois de intrincadas e misteriosas aventuras, a Taça Mística foi levada para Cesárea, na Ásia, onde caiu em poder dos infiéis. Quando, em 1101, um capitão genovês conquistou Cesárea, encontrou a Taça Mística sob as ruínas de um Templo. Recolheu-a religiosamente e trouxe-a, em seu navio, para sua cidade natal. Até hoje, apos oito séculos, o Santo Graal continua na Catedral cognominada a "Soberba", em Gênova, onde também repousa o corpo de seu último conquistador!

FIM

EPOPÉIA — N.º 4 ★ Novembro 1952

E a noite, ao invés de trazer alívio e repouso, aumenta a angústia do desconforto...

CANTOS ... UMA FESTA? TAMBÉM NA MINHA CASA, CERTO DIA ...

Página 17

Século XII, antes da era cristã. Entre as brisas do Mediterrâneo e as encostas do Líbano, em uma estreita faixa de terra chamada Fenícia, vive um laborioso povo constituído de hábeis artífices e intrépidos navegadores. Tendo fundado Tiro — um próspero empório comercial — os fenícios centralizam ali as suas atividades principais, recebendo ou enviando caravanas e frotas mercantes às mais longínquas regiões do mundo conhecido de então.

Esta é a história do menino Dorion e de seu amigo Hiram; e, também, a de Melkart, o ambicioso; e a do velho náufrago salvo das águas, e que se refere, depois, a um certo oráculo que lhe predissera: "Quando os olhos de um menino virem os fogos de tua última noite, a êle confiarás a mensagem da felicidade!". Esta é, ainda, a história da púrpura — a púrpura que vem sendo usada, desde muitos séculos, para tingir os mantos dos imperadores, dos reis, dos príncipes e dos altos dignitários...

Fenícia

A GRANDE SENSAÇÃO DE

EPOPÉIA

Nº 4

de NOVEMBRO

STEWART GRANGER
e MEL FERRER
em SCARAMOUCHE

(O Romance Scaramouche, de Rafael Sabatini, foi publicado na Edição Maravilhosa N.º 50)